

Perspectivas para a promoção da qualidade na educação infantil: alguns instrumentos

Celia Vectore

Resumo

O objetivo do presente artigo é apresentar alguns instrumentos que estão sendo desenvolvidos no nosso meio e que podem facilitar a tarefa do profissional de psicologia escolar educacional na sua atuação em instituições infantis. Para tanto, serão apresentados os resultados referentes a três estudos: 1) a avaliação da instituição infantil feita pelas crianças; 2) a escala de envolvimento dos professores; e 3) a entrevista lúdica como indicadora de quadros de estresse infantil em ambientes pré-escolares. Contudo, é ingênuo pensar que a existência por si só de alguns instrumentos pode consolidar uma prática competente, o que não ocorre, pois cabe ao psicólogo escolar a apropriação e a atualização contínua de profundos conhecimentos teóricos e metodológicos que possam sustentar a sua prática, contribuindo para uma educação infantil de qualidade, aqui considerada como capaz de propiciar o adequado desenvolvimento da criança sob os seus cuidados, cumprindo um importante papel na constituição de um ser humano solidário, flexível, respeitoso com as diferenças e apto a conviver em uma sociedade plural.

Palavras-chave: qualidade; educação infantil; instrumentos de avaliação.

Abstract

Perspectives in promoting quality in early childhood education: some tools

This paper aims to present some tools under development that may facilitate the work and performance of the educational psychologists in children's institutions. For this reason, it will present results regarding three studies: 1) the evaluation of the institution assessed by the own children, 2) the scale of the teacher involvement, and 3) the role play interview as an indicator of child's stress in pre-school environments. It is naive, however, to think that the existence of only a few instruments per se can build a competent praxis. It does not happen because, besides to keep updated on it, the school psychologist is supposed to absorb deep theoretical and methodological knowledge in order to support his own practice. In doing so, it may enhance the quality of early childhood education, which can bring about an appropriate development of children under their care. Therefore, it will fulfill an important role in the development of a supportive and flexible human being, able to respect differences and to live in a plural society.

Keywords: quality; early childhood education; evaluation tools.

Introdução

Como um caleidoscópio que a cada rotação revela novas e intrincadas formas, os estudos sobre a criança pequena, em especial a de zero a seis anos, têm envolvido várias áreas do conhecimento, num saudável exercício de se lançarem luzes sobre diversas facetas que representam o intrincado quebra-cabeça que constitui o desenvolvimento humano.

A Psicologia vem, desde o início do século passado, contribuindo para uma adequada compreensão sobre os fatores determinantes de um desenvolvimento saudável. Estudos elaborados no seio de diferentes abordagens psicológicas, que vão desde as contribuições do behaviorismo, passando pelas teorias psicanalíticas, até os recentes avanços das neurociências, têm apontado para a importância das experiências vivenciadas durante o período pré-escolar e, na sequência, para a necessidade de se ter instituições infantis que contribuam para tal desenvolvimento, oferecendo um serviço de qualidade à criança pequena e à sua família, haja vista a importância social da educação infantil na atualidade.

Cada vez mais, em virtude das contingências da vida em sociedade, as instituições pré-escolares se inserem no universo das crianças, exigindo desses espaços a promoção de um atendimento de qualidade, sensível para compreender os diferentes contextos que influenciam o desenvolvimento infantil (Bronfenbrenner, 1996), por meio da construção de práticas que colaborem com a educação dos

pequenos. Contudo, a clara definição do que é qualidade está longe de ser alcançada, por se tratar de um conceito polissêmico e de natureza subjetiva, pois o que pode ser entendido como qualidade para uns, pode não o ser para outros.

Leavers (2008) aponta que a qualidade na educação infantil pode ser considerada como um sistema constituído por *contexto* (ideias e princípios acerca da qualidade), *processo* (o bem-estar e o envolvimento dos participantes) e, finalmente, *realização* (observada pelas competências adquiridas pelos envolvidos). Por outro lado, Moss (2008) credita à qualidade a possibilidade, entre outras, de se fomentar nas instituições infantis condições tais que propiciem o desenvolvimento de crianças competentes e co-construtoras de conhecimento, identidades e valores.

As contribuições da psicologia à educação infantil transcendem as barreiras de um conhecimento meramente teórico acerca de desenvolvimento e aprendizagem na infância, e as intervenções de natureza psicológica são cada vez mais desejadas nesse contexto, delineando novas possibilidades de atuação. Nesse cenário, observa-se que, especialmente, o psicólogo escolar e educacional tem despontado na construção e na consolidação de uma identidade profissional, a partir do conhecimento teórico profundo e constantemente atualizado e das práticas possíveis no seu trabalho em creches, pré-escolas e similares.

Especificamente em relação ao atendimento da psicologia escolar em contextos de atendimento à infância, foi imperiosa a busca de alternativas para o exercício profissional, haja vista que, historicamente, tal área da psicologia apresentou-se fortemente marcada pela preocupação com os problemas ou dificuldades de aprendizagem, os quais dificilmente eram encontrados em instituições destinadas às crianças pequenas. Assim, práticas voltadas à prevenção de possíveis dificuldades e ao fomento de potencialidades foram, gradativamente, inserindo-se na dinâmica institucional, consolidando a importância do trabalho do psicólogo nesses espaços.

Por outro lado, paralelamente à visibilidade da atuação do psicólogo escolar no contexto educacional infantil, emergiu a necessidade do trabalho desse profissional junto a equipes multidisciplinares, o que demandou, e ainda demanda, um contínuo exercício de reflexão acerca das especificidades e da delimitação de suas funções, nem sempre fáceis e claras. Assim, a questão que se coloca é: Quais as contribuições que essa ciência pode oferecer tanto para a elucidação do próprio conceito de qualidade quanto para a prática efetiva do psicólogo no interior das instituições infantis?

Responder a tal questão é tarefa complexa, considerando que qualquer resposta é sempre parcial e relacionada à visão de homem e de mundo do seu autor. Assim, o objetivo do presente artigo é apresentar alguns instrumentos que estão sendo desenvolvidos no nosso meio e que podem facilitar a tarefa do profissional de psicologia escolar e educacional atuando em instituições infantis. Para tanto, serão apresentados os resultados referentes a três estudos: 1) a avaliação da instituição infantil feita pelas crianças (Silva, Vectore, 2007); 2) a escala de envolvimento dos professores (Vectore, Alvarenga, Gomide Júnior, 2006); e 3) a entrevista lúdica como indicadora de quadros de estresse infantil em ambientes pré-escolares (Horta, Vectore, 2007).

A avaliação da instituição infantil pelas crianças

Historicamente, a maioria dos estudos envolvendo crianças pequenas, até a idade de seis anos, tem tido como procedimento a aplicação de testes já validados em crianças – visando a diagnosticar ansiedade ou problemas de aprendizagem, por exemplo – ou a entrevista com os responsáveis delas para coleta de dados (Figlie *et al.*, 2004; Lee-Manoel *et al.*, 2002). Tais procedimentos, sem dúvida, podem contribuir para a ampliação de conhecimentos; no entanto, não podem ser considerados como instrumentos únicos para a compreensão do universo infantil, que é permeado por desdobramentos muito mais abrangentes.

Trabalhos envolvendo a participação efetiva da criança, na etapa de coleta de dados, ainda são escassos tanto na literatura nacional quanto na internacional, de modo que o delineamento de como se abordar os pequenos é um processo em franca construção. Petean e Suguihura (2005) mostraram que a entrevista é a escolha metodológica mais frequente para estudos realizados com crianças mais velhas, a partir de dez anos. Em seu estudo, entrevistaram os irmãos mais velhos (com idades de 10 a 12 anos) de crianças com Síndrome de Down, a fim de investigar a percepção que eles têm sobre a convivência com o irmão portador da síndrome.

Outro estudo, realizado por Nunes *et al.* (1998), utilizou entrevistas com crianças pré-escolares. A pesquisa em questão investigou como crianças de seis e sete anos elaboravam o conceito de morte e foi realizada a partir de entrevistas individuais semiestruturadas com as crianças e suas mães.

A pouca utilização de entrevistas com o público pré-escolar parece pautar-se em dúvidas sobre a capacidade cognitiva infantil de responder acuradamente questões, muitas vezes, de natureza subjetiva, devido estar em franco processo de desenvolvimento dessas habilidades. Entretanto, as exigências de se viver numa sociedade plural, inclusiva, têm alterado a máxima do código educativo inglês “as crianças devem ser vistas, mas não ouvidas”, conforme aponta Oliveira-Formosinho (2007), e engendrado uma série de mudanças no próprio fazer pedagógico, de modo a se garantir o espaço de participação à criança, considerando-a como um ser forte, potente e produtor de cultura.

A compreensão da importância da infância para o pleno desenvolvimento humano, atrelada a esse novo olhar sobre a criança – considerando-a como portadora de direitos e competências que devem ser respeitados –, tem estabelecido na sociedade contemporânea a necessidade de se conhecer efetivamente a criança de que se fala. Um enfoque promissor pode ser representado pela constatação de que a criança é um sujeito consumidor de diferentes produtos e serviços e, portanto, deve ser conhecido o ponto de vista infantil a respeito de suas vivências, necessidades, percepções e demandas.

Supõe-se que o conhecimento das idiosincrasias infantis possa melhorar o atendimento à criança pequena, compreendendo-a “como um ser ativo, competente, construtor do conhecimento e participante no seu próprio desenvolvimento, através da interação com os seus contextos de vida” (Oliveira-Formosinho, Araújo, 2004, p. 82). Tal compreensão pode delinear ou promover ambientes que garantam a qualidade necessária para o seu desenvolvimento integral.

Como fruto dessas reflexões, realizamos um estudo exploratório com o objetivo de identificar, sob a perspectiva infantil, os critérios de avaliação da qualidade do ensino pré-escolar, em outras palavras, o que pensam as crianças acerca da escola na qual estão inseridas. Para tanto, contamos com a participação de 15 crianças, de cinco e seis anos, sendo 4 do sexo masculino e 11 do sexo feminino, estudantes de uma instituição pré-escolar particular da cidade de Uberlândia, Minas Gerais.

Para a efetivação do estudo, as crianças foram divididas em dois trios e dois grupos, com quatro e cinco integrantes, respectivamente. A literatura consultada preconiza que crianças pequenas devem ser entrevistadas em trios (Aldridge, Wood, 1998; Graue, Walsh, 1995; Oliveira-Formosinho, Lino, 2001). Contudo, para a efetivação dos grupos, em termos de horários para a execução das atividades, foi feita a opção de trabalho com quatro grupos, sendo dois com número maior de participantes.

A estratégia utilizada para entrevistar as crianças foi organizar oficinas com características lúdicas. Foram realizadas três oficinas temáticas com cada trio ou grupo, sendo tal número considerado suficiente para obter as informações desejadas. No total, realizaram-se 12 oficinas. Os encontros tiveram duração média de 45 minutos, variando de acordo com a temática e as atividades propostas e com a disposição das crianças em responderem ao solicitado. As oficinas foram áudio-gravadas, o que possibilitou a análise criteriosa dos dados.

Na primeira oficina, foi estabelecido o *rapport* com a pesquisadora e solicitado às crianças que fizessem um desenho da escola e, na sequência, contassem uma história sobre ela. Enquanto criavam seus desenhos, foram feitas algumas perguntas para elas com o objetivo de possibilitar o conhecimento geral da história escolar de cada uma e a investigação de alguns critérios de avaliação da escola usados por elas, especialmente quando responderam do que gostavam e do que não gostavam nessa instituição.

Na segunda oficina, as crianças foram estimuladas a pensar sobre o papel da professora, devido à sua importância no contexto escolar, uma vez que se constitui na principal responsável pelo oferecimento de um ambiente acolhedor e estimulante, capaz de contribuir para o desenvolvimento infantil (Oliveira-Formosinho, Lino, 2001). Assim, realizou-se, com cada grupo participante, um jogo para incitar a reflexão das crianças sobre as práticas da professora. Esse jogo consistia em várias fichas contendo frases escritas com letras coloridas – que indicavam ações da professora –, as quais eram disponibilizadas para as crianças.

As frases contidas no jogo acima aludido foram: 1) brinca; 2) ensina; 3) ri; 4) dá bronca; 5) grita; 6) faz graça; 7) fica brava; 8) conta estória; 9) presta atenção quando você fala; 10) elogia; 11) critica; 12) corrige; 13) não ouve você; 14) conversa com você; 15) explica várias vezes a mesma coisa; 16) passa muita tarefa no quadro; 17) apaga o quadro antes de você terminar de copiar; 18) fica brava quando você erra a tarefa; 19) passa tarefas legais; 20) gosta de brincar; 21) gosta de criança; 22) gosta da escola; 23) gosta de ser professora; e 24) é calma. Outras ações da professora indicadas pelas crianças foram: colocar CD; gostar de você; ter ajudante do dia; utilizar material de colagem; passar tarefa fácil; e falar sobre a dengue.

Na terceira oficina, solicitou-se que as crianças construíssem um cartaz coletivo, com o uso de colagens e desenhos, capaz de representar uma escola ideal. O objetivo da atividade foi facilitar a expressão do que entendem por uma escola de qualidade. A orientação dada foi de que essa escola seria inventada, sendo necessário apontar tudo o que precisaria ter nela.

A partir da transcrição das fitas gravadas e da análise do conteúdo das entrevistas, foi possível identificar sete categorias, representadas por: 1) o que as crianças pensam sobre a escola; 2) o que as crianças pensam dos professores e dos funcionários; 3) o que as crianças pensam do espaço físico da escola; 4) o que as crianças pensam das atividades relativas aos conteúdos curriculares e outras atividades oferecidas; 5) a percepção do espaço e do tempo pelas crianças; 6) o relacionamento entre os pares; e 7) a avaliação geral da escola.

De modo geral, nesse estudo, foi possível identificar que as crianças consideram a escola um local com várias possibilidades de diversão e um espaço de aprendizagem. Em todas as oficinas, elas expressaram sentimentos positivos relacionados à escola. Sobre os professores e os funcionários, foi possível perceber que as crianças parecem gostar de professores cujos comportamentos se relacionam ao lúdico, como rir, brincar e fazer graça, e à utilização de materiais didáticos diversos, como colocar CD e contar histórias.

No tocante ao relacionamento interpessoal infantil, a escola se configura como um local importante para o desenvolvimento social, embora durante as oficinas tenha se observado a aparente rivalidade entre meninos e meninas, manifestada por meio de agressões físicas e verbais. É interessante notar que, na escola ideal imaginada pelas meninas, os meninos deveriam ser tratados com atitudes como “dar injeção”, “serem presenteados com bonecas quando se comportassem bem” e “serem presos em jaulas”; tudo isso sob a justificativa de que eles as maltratam, com brincadeiras das quais elas não gostam.

Kishimoto e Ono (2007, p. 19) ao analisarem a questão do gênero no brincar infantil apontam que

[...] ao aceitar que a construção do gênero é social, histórica e contínua, estamos entendendo que as relações entre homens e mulheres, os discursos e as representações dessas relações estão em constante mudança. Assim, as identidades de gênero estão continuamente se transformando. Embora predominem, ainda, estereótipos de gênero no uso de muitos brinquedos, há mudanças, ainda tímidas... Tais situações têm colaborado para o aprendizado da liderança nos grupos de brincantes, na superação de conflitos para dar lugar às situações imaginárias e à constituição de várias identidades de gênero.

Em acréscimo à análise das referidas autoras, depreende-se a importância de a pré-escola se constituir em espaços passíveis de contribuir para a construção de relações de gênero por meio da utilização da linguagem lúdica.

Com relação à avaliação geral da pré-escola, todas as crianças afirmaram tratar-se de uma boa escola e que não pretendiam trocar de instituição. A escola foi apontada como um local que possibilita muitas atividades interessantes, como ter amigos e brincar no recreio, e algumas entediadas, como copiar da lousa e esperar os pais sentados, sem poder levantar. Tais dados denotam o quanto a organização

pré-escolar tem, ainda, assumido um modelo de instituição que valoriza o ensino de conteúdos escolares, muitas vezes em detrimento do florescimento da cultura infantil, produzida pelas crianças.

O estudo realizado, embora modesto em sua proporção e abrangência, lançou algumas luzes sobre critérios de avaliação de qualidade empreendidos pelas crianças, cujas expectativas em relação à pré-escola podem ser consideradas na construção do cotidiano institucional, em que é desejável a participação de todos os atores sociais envolvidos. Ouvir a criança não implica, necessariamente, ofertar ou responder aos seus anseios, nem considerar como realidade tudo o que é expresso verbalmente por ela; mas, principalmente, propiciar formas legítimas de expressão infantil, disponíveis “não apenas por palavras, mas simultaneamente também por gestos, por posturas culturais, por desenhos etc.” (Sarmiento, 2007, p. 5) e avaliá-las quanto à sua pertinência ou não.

Avalia-se, também, que a presente investigação contribuiu para a apresentação de uma metodologia de pesquisa com crianças pequenas, que deve ser aplicada em novos estudos, sendo continuamente aprimorada. Entrevistar crianças no estágio de vida pré-escolar é possível, com instrumentos que envolvam a ludicidade atrelados ao uso de atividades motoras e concretas, passíveis de guiá-las na reflexão acerca da temática investigada.

Finalmente, é importante ressaltar a necessidade de uma adequada preparação do entrevistador, capacitando-o nas suas interações junto às crianças (Graue, Walsh, 1995; Oliveira-Formosinho, 2008, 2009). Neste trabalho, foi possível constatar que as crianças trazem para o *setting* de pesquisa temas relativos ao seu contexto familiar, aos eventos ocorridos com elas, e outros que devem ser cuidadosamente considerados, a fim de propiciar o estabelecimento de uma efetiva interação entre o pesquisador e os participantes, garantindo a qualidade dos dados coletados, além da devida atenção aos procedimentos éticos, conforme enfatiza Flewitt (2005).

A escala de comportamentos mediacionais de educadores infantis¹

A relação entre os comportamentos exibidos pelos educadores e o desempenho, a adequação ou a adaptação do aprendiz ao contexto pré-escolar tem sido objeto de vários estudos tanto no Brasil quanto no exterior. Tais comportamentos podem ser explicitados por meio da identificação de ações voltadas à sensibilidade, ao empenho, ao envolvimento do educador com as demandas das crianças sob sua responsabilidade (Vectore, Souza, 2006; Oliveira-Formosinho, Formosinho, 2001; Klein, 1996a, b).

Dados contidos no Caderno Brasil, do relatório do Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef, 2008), evidenciam que o Brasil tem a maior população infantil de até seis anos das Américas, representando 11% de toda a população brasileira, e, embora tenha avançado no número de crianças atendidas em instituições infantis, encontra-se aquém das metas traçadas pelo Plano Nacional de

¹ Trabalho originalmente publicado por Vectore, Alvarenga e Gomide Júnior (2006).

Educação. Nesse cenário, “76% das meninas e meninos (7 milhões) entre 4 e 6 anos estão matriculados na educação infantil. Por outro lado, 9,5 milhões de crianças de até 3 anos não frequentam creches e há 2,2 milhões entre 4 e 6 anos que não estão na pré-escola” (Unicef, 2008, p. 37), o que representa um significativo número de crianças sem acesso aos serviços pré-escolares.

Em acréscimo a tal situação, de acordo com o Censo Escolar de 2003, a formação dos professores brasileiros atuantes na educação infantil mostra-se deficitária, considerando que a ampla maioria (69%) não possui nível superior (Brasil. Inep, 2004), o que é um indicador de qualidade. Além de se ter carência de instituições voltadas para o atendimento infantil, há uma notável falta de qualidade nesse atendimento, a qual pode ser traduzida, entre outras coisas, pelo grau de envolvimento das crianças nas atividades ofertadas pela instituição e pelo nível de empenho dos educadores, conforme salientam Pascal e Bertram (1999).

A partir da obra de Vygotsky, vários trabalhos, como os de Laevers (1996) e Klein (1996a; 2006), têm sido desenvolvidos com o propósito de enfatizar a importância da mediação ou o “empenho” do educador no processo de aprendizagem do educando. Laevers (2008) define o empenho do educador como o modo pelo qual o adulto lida com os conflitos, as regras e os problemas de comportamento. A presença ou a ausência dos indicadores – sensibilidade, que está relacionada à atenção e ao cuidado que o adulto demonstra ter com os sentimentos e o bem-estar emocional da criança; estimulação, ligada ao modo como o adulto intervém no processo de aprendizagem e ao conteúdo de tais intervenções; e autonomia, implicada no grau de liberdade que o adulto concede à criança para experimentar, emitir juízos, escolher atividades e expressar ideias e opiniões – é considerada.

A qualidade da interação adulto-criança constitui a tônica do Programa de Intervenção Mediacional para um Educador mais Sensível (Misc), que se baseia na possibilidade de se aguçar a capacidade da criança pequena para aprender, com ênfase no planejamento, na avaliação de ações e no confronto com a realidade. Um ponto chave do programa é a ênfase nas potencialidades e nas possibilidades dos indivíduos, as quais, se devidamente identificadas, podem propiciar uma atuação eficaz, no sentido de atuarem na zona de desenvolvimento próximo do mediado, fomentando o seu desenvolvimento.

O Programa Misc tem sido adaptado ao contexto brasileiro por Vectore, Maimone e Costa (2003, 2008), por meio de pesquisas que visam ao conhecimento detalhado do padrão mediacional dos envolvidos e ao desenvolvimento de recursos mediacionais – *games*, narrativas e outros –, de modo a disponibilizá-los como alternativas a possíveis intervenções psicoeducacionais. Acredita-se que tais instrumentos possam ser utilizados por psicólogos escolares atuantes em instituições infantis e em programas de formação continuada de professores, os quais vêm obtendo realce no âmbito das políticas públicas para a educação na infância.

É oportuno enfatizar que se trata de mais um instrumento ou ferramenta disponível para o psicólogo escolar, contudo deve-se sempre não perder de vista a importância de um profundo conhecimento do contexto no qual tal profissional se insere, de modo a se avaliar a pertinência ou não de tais recursos. Como o próprio

Programa indica, a atividade primeira é o desvelar cuidadoso de tal contexto, de forma que a sua aplicação possa, efetivamente, contribuir para a prática do profissional de psicologia escolar em ambientes educacionais.

Klein (2006) e Korat, Ron e Klein (2008) apontam que o Programa se baseia na teoria da modificabilidade cognitiva estrutural de Feuerstein (1980), e dados oriundos de pesquisas sugerem que há características específicas da interação de adultos com crianças que se constituem em comportamentos mediacionais, passíveis de predispor a criança para a aprendizagem de novas experiências. Segundo a autora, a aprendizagem mediada ocorre quando o ambiente é interpretado para o mediado, a partir de uma pessoa que conhece suas necessidades, interesses e capacidades.

O Programa Misc identifica cinco comportamentos básicos de uma mediação de qualidade, denominados critérios mediacionais. São eles:

- 1) Focalização: inclui todas as tentativas do mediador para assegurar que a criança focalize a atenção em algo que está ao redor dela. Deve estar clara a indicação da intencionalidade do adulto para mediar e a reciprocidade da criança, a qual é expressa pelas suas respostas verbais ou não-verbais ao comportamento do adulto.
- 2) Expansão: está presente quando o “educador” tenta ampliar a compreensão da criança daquilo que está à frente dela, por meio da explicação e da comparação, adicionando novas experiências, além das necessárias para o momento.
- 3) Afetividade ou mediação do significado: refere-se a toda energia emocional utilizada pelo adulto durante a interação com a criança, levando-a a compreender o significado de objetos, pessoas, relações e eventos ambientais.
- 4) Encorajamento: observado quando os adultos expressam satisfação com o comportamento das crianças e explicam o porquê de estarem satisfeitos, estimulando o autocontrole, além de ampliarem a disponibilidade para a exploração ativa do novo.
- 5) Regulação do comportamento: identificado quando o adulto ajuda a criança a planejar antes de agir, levando-a a se conscientizar da adequação do “pensar” antes da ação, de modo que possa planejar os passos do seu comportamento para atingir um objetivo.

Atender aos cinco critérios citados implica atingir uma mediação adequada.

Klein e Rye (2004), em estudo desenvolvido com mães de tribos da Etiópia, em que os princípios básicos do Programa Misc foram implementados, observaram que, mesmo após seis anos da intervenção, as mudanças significativas na qualidade das interações da mãe ainda persistiam, com efeitos positivos nas crianças no que respeita ao seu desenvolvimento cognitivo e socioemocional.

A partir do estudo de Vectore (2003), Vectore, Gomide Júnior e Alvarenga (2006) elaboraram e validaram a Escala de Avaliação da Mediação de Educadores Infantis, que consiste em um instrumento capaz de avaliar os comportamentos

mediacionais, observados na interação de educadores com crianças pequenas (de quatro a seis anos) em atividades lúdicas. A mediação adequada entre o educador e a criança pode fomentar o desenvolvimento e a aprendizagem infantil e lança luz sobre a importância de se conhecer efetivamente como ocorre tal processo, a fim de possibilitar intervenções efetivas para uma educação de qualidade para a infância brasileira.

Construir instrumentos de medida que possam ser utilizados em contextos infantis permite um olhar mais acurado sobre a realidade institucional, capaz de evidenciar aspectos sutis, mas não menos importantes, no dia a dia do educador junto às suas crianças e incrementar novas alternativas de atuação em creches, pré-escolas, abrigos e tantos outros contextos educacionais em que o psicólogo escolar pode se fazer presente, numa prática eficiente, competente, comprometida e promotora do desenvolvimento global dos envolvidos.

Vale lembrar que a proposta não é apenas medir, avaliar, discriminar, mas também disponibilizar recursos que possam balizar uma intervenção que vá além de discursos, podendo ser consolidada na prática. Posto isso, pondera-se que o presente instrumento, com características psicométricas, pode ser utilizado em diagnósticos iniciais, que visem a conhecer mediações do educador em sua interação com crianças pequenas, além de possibilitar atividades de pesquisa e de intervenção em contextos de educação infantil.

A entrevista lúdica e a avaliação de indicadores de estresse em pré-escolares

66

Dores de barriga, tiques nervosos, hiperatividade, gagueira, agressividade, impaciência, ansiedade, dificuldades interpessoais, desobediência, insegurança, entre outros, são sintomas facilmente identificados em crianças nas instituições infantis. Tal sintomatologia, de acordo com Lipp (1996, 2004), pode ser indicativa de quadros de estresse infantil, cada vez mais presentes nas sociedades modernas.

Nesse sentido, considerando o grande contingente de crianças que frequentam instituições infantis, acredita-se que psicólogos escolares devem estar atentos e ser capazes de identificar indicadores de estresse, de avaliar as possíveis fontes estressoras no ambiente escolar e de efetuar o devido encaminhamento, quando necessário. Para tanto, torna-se útil a compreensão de tais manifestações em contextos educacionais.

Margis *et al.* (2003) apontam que o estresse pode ser compreendido por uma reação do organismo gerada pela percepção de estímulos. Tais estímulos, denominados estressores, provocam excitação emocional, perturbando o funcionamento harmonioso do organismo, dando início a um processo de adaptação caracterizado por diversas manifestações sistêmicas, como distúrbios fisiológicos e psicológicos.

Em relação à qualidade dos estressores, Gazzaniga e Heatherton (2005) apontam que eventos positivos podem ser tão estressantes ou ainda mais estressantes que eventos negativos. A explicação é de que a percepção dos estímulos estressores

leva à ativação do eixo hipotalâmico-pituitário-adrenal (HPA), um sistema corporal que envolve o hipotálamo, a pituitária e as glândulas adrenais, as quais liberam noradrenalina, um neurotransmissor envolvido em estados de excitação e vigilância, e adrenalina, neurotransmissor que causa a liberação da energia.

Tricoli (2004) afirma que a dificuldade de concentração, atenção e memória, a apatia e a agressividade, a agitação ou a passividade e os problemas de relacionamento interferem no aproveitamento escolar. Além disso, nos dias de hoje, as crianças permanecem nas instituições escolares durante um tempo considerável, cujo contexto sofre os reflexos das mudanças sociais, absorvendo suas crises e conflitos e passando a ser um local onde a criança, por meio do convívio com os colegas, com os professores e com os demais funcionários, pode deparar-se com várias fontes de estresse.

No Brasil, a maioria dos estudos relacionados ao estresse infantil se dirige à investigação dos sintomas, à identificação dos estressores e às estratégias de *coping* em crianças na idade escolar. No entanto, Arnold (1999) enfatiza que crianças em idade pré-escolar também vivenciam quadros de estresse, necessitando de estudos específicos nessa faixa etária.

Nesse sentido é que Horta (2007) elaborou um instrumento denominado de entrevista lúdica, cujo objetivo é a identificação de possíveis fontes de estresse, bem como das estratégias de enfrentamento utilizadas por crianças pré-escolares diante de estressores. O instrumento é composto por um jogo de tabuleiro contendo 18 casas que correspondem a 18 indagações que devem ser respondidas pela criança. Além do tabuleiro, os materiais utilizados no jogo são: bandeirinhas coloridas, dois dados (um contendo números e o outro contendo cores) e "carinhas" feitas de cartolina, indicando expressões de sentimentos (alegria, tristeza, raiva, medo e indiferença).

Para a efetivação da entrevista, as perguntas foram elaboradas a partir das informações encontradas na literatura, enfatizando os aspectos ligados à família, à escola e às características individuais da criança, que podem funcionar como fontes de estresse. Dessa maneira, abordaram-se situações vivenciadas em casa e na escola, relação dos pais com a criança, dos pais entre si, da criança com irmãos, colegas e professora, além de fontes internas de estresse, como timidez, ansiedade, tristeza, medos e autoestima.

A entrevista lúdica foi aplicada em uma amostra inicial de dez crianças e se mostrou trabalhosa, em decorrência do tempo longo para a aplicação e devido às respostas simples e extremamente objetivas dadas por algumas crianças, que acabavam exigindo maiores questionamentos. Apesar disso, elas manifestaram interesse e gosto pelo jogo, respondendo a todas as perguntas prontamente até o final; somente uma criança apresentou alguns obstáculos, não sabendo responder a muitas perguntas e perdendo o interesse pelo jogo.

As entrevistas se mostraram proveitosas e trouxeram informações valiosas acerca da criança e de sua rotina. Contudo, é importante ressaltar que, no trabalho de Horta (2007), os dados advindos das entrevistas lúdicas foram complementados com as informações das mães e das professoras das crianças participantes, fornecendo uma visão ampliada da atuação dos pequenos nos contextos familiar e escolar.

Após a realização das entrevistas, procedeu-se à transcrição para a análise. Foram identificadas seis categorias referentes às possíveis fontes de estresse relacionadas a: 1) rotina da criança (atividades, alimentação, sono, uso de televisão e *video-game*); 2) interação com a família; 3) interação com os colegas; 4) interação com a professora; 5) características da escola; e 6) sentimentos, crenças e características da criança.

Embora tenham sido encontrados quadros indicativos de estresse nas crianças pesquisadas por Horta (2007), considera-se que o instrumento deva ser aperfeiçoado, de modo a contemplar novos indicadores e a possibilitar a investigação em pequenos grupos, conforme orienta Oliveira-Formosinho (2008), tornando-se mais apropriado para uso em contextos educacionais. Além disso, é desejável que novos estudos sejam empreendidos, a fim de verificar a pertinência da atuação da psicologia escolar em temas tradicionalmente de natureza mais “clínica”, mas que infelizmente permeiam o cotidiano das instituições escolares.

Considerações finais

O psicólogo escolar e educacional, em especial o atuante em instituições infantis, depara-se com inúmeros desafios representados, principalmente, pela atuação em equipes multidisciplinares, em que, não raras vezes, esbarra nos limites e nas especificidades de sua atuação. Além disso, há as próprias dificuldades que envolvem o trabalho com crianças pequenas, cujas alterações rápidas nesse estágio de vida devem ser devidamente cuidadas por educadores competentes e atendidos em programas de formação contínua.

Outro aspecto a ser mencionado refere-se à satisfação ou à insatisfação dos pais em relação às expectativas e aos serviços prestados pela instituição aos seus filhos. Muitas vezes, tal aspecto não é devidamente explicitado, em virtude de sua natureza subjetiva e que acaba por envolver desde a culpa, por deixarem os filhos entregue aos cuidados de outros, até exigências de uma aprendizagem cada vez mais acelerada, notadamente em relação à alfabetização que, na visão dos pais, se constitui num produto e não em um processo paulatinamente construído. Assim, os instrumentos apresentados podem nortear a prática de tais profissionais, no sentido de ampliar as suas possibilidades de atuação e garantir maiores espaços e abrangências ao seu trabalho.

Desse modo, entrevistar as crianças ludicamente pode auxiliar o profissional a conhecer os aspectos da rotina institucional, do ponto de vista da criança. Tal conhecimento pode ser utilizado para uma melhor adequação das atividades oferecidas pelas instituições infantis. Nesse sentido, menciona-se a importância da organização de espaços, da formação de educadores e do trabalho com as famílias, de maneira a contemplar aspectos que poderiam ser desconsiderados, haja vista a cultura adultocêntrica que ainda permeia o cotidiano de instituições dedicadas à infância.

Em especial, a entrevista lúdica pode auxiliar o profissional na investigação de aspectos, às vezes, presentes no âmbito dessas instituições, propiciadores de

perturbações que, se não precocemente diagnosticadas e encaminhadas, podem converter-se em disfunções crônicas nas crianças. Assim, há um importante trabalho preventivo que pode ser feito nos espaços destinados à criança pequena, com base em diagnósticos precisos.

A Escala de Avaliação da Mediação de Educadores Infantis pode auxiliar os psicólogos escolares e educacionais na identificação de aspectos que podem ser aprimorados pelos professores na sua interação com as crianças, constituindo-se num instrumento inicial para um diagnóstico acerca da formação dos educadores e dos aspectos a serem considerados, no fomento do desenvolvimento da criança, dentro de um contexto de qualidade. É importante frisar que tal instrumento não deve servir apenas para uma identificação, um rótulo, mas ser inserido numa perspectiva cultural, em que a avaliação é vista como um estágio para a promoção de novas medidas ou posturas, passíveis de serem implementadas em contextos infantis, oportunizando ao professor a reflexão e as possibilidades de mudança.

Todavia, é ingênuo pensar que a existência por si só de alguns instrumentos pode consolidar uma prática competente, o que não ocorre, pois cabe ao psicólogo escolar a apropriação e a atualização contínua de profundos conhecimentos teóricos e metodológicos que possam sustentar a sua atuação, contribuindo para uma educação infantil de qualidade, aqui considerada como capaz de propiciar o adequado desenvolvimento da criança sob os seus cuidados, cumprindo um importante papel na constituição de um ser humano solidário, flexível, respeitoso com as diferenças e apto a conviver em uma sociedade plural.

Referências bibliográficas

ALDRIDGE, M.; WOOD, J. *Interviewing children: a guide for child care and forensic practitioners*. London: Wiley, 1998.

ARNOLD, L. E. *Childhood stress*. New York: John Wiley, 1999.

BRASIL. *Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996: lei de diretrizes e bases da educação nacional*. Brasília, DF: Ministério da Educação.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). *Sinopse estatística da educação básica: censo escolar 2003*. Brasília: 2004. Disponível em: <<http://www.publicacoes.inep.gov.br/detalhes.asp?pub=3747#>>.

BRONFENBRENNER, U. *A ecologia do desenvolvimento humano*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

FEUERSTEIN, R. *Instrumental enrichment*. Baltimore, MD: University Park Press, 1980.

FIGLIE, N. et al. Filhos de dependentes químicos com fatores de risco bio-psicossociais: necessitam de um olhar especial? *Revista de Psiquiatria Clínica*, v. 31, n. 2, p. 53-62, 2004.

FLEWITT, R. Conducting research with young children: some ethical considerations. *Early Child Development and Care*, v. 175, n. 6, p. 553-565, 2005.

FUNDO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A INFÂNCIA (Unicef). *Situação mundial da infância 2008*: caderno Brasil. 2008. Disponível em: <www.unicef.org/brazil/pt/cadernobrasil2008.pdf>. Acesso em: 21 abr. 2008.

GAZZANIGA, M. S.; HEATHERTON, T. F. *Ciência psicológica: mente, cérebro e comportamento*. Porto Alegre: Artmed, 2005.

GRAUE, M. E.; WALSH, D. J. Children in context: interpreting the here and now of children's lives. In: HATCH, A. (Ed.). *Qualitative research in early childhood settings*. Westport, CT: Praeger, 1995. p. 135-154.

HORTA, L. R. *Estresse infantil: um estudo exploratório com pré-escolares*. 2007. Dissertação (Mestrado em Psicologia Aplicada) – Universidade Federal de Uberlândia, 2007.

HORTA, L. R.; VECTORE, C. A entrevista lúdica. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ESTRESSE, 3., 2007, São Paulo. *Anais do III Congresso...* São Paulo, 2007.

KISHIMOTO, T. M.; ONO, A. T. Brinquedo, gênero e educação na brinquedoteca. In: CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL, 8., 2007, São João Del Rei. *Anais do VIII Congresso...* São João Del Rei, 2007.

KLEIN, P. S. *Early intervention: cross-cultural experiences with a mediational approach*. New York: Garland, 1996a.

_____. *Early childhood education: seventy-first yearbook of the National Society for the Study of Education*. Chicago: University of Chicago Press, 1996b.

_____. The literacy of interaction: are infants and young children receiving a "mental diet" conducive for future learning? *The Journal of Developmental Processes*, v. 1, n. 1, p. 123-137, Fall, 2006.

KLEIN, P. S.; RYE, H. Interaction-oriented early intervention in Ethiopia: the MISC approach. *Infants & Young Children*, v. 17, n. 4, p. 340-354, 2004.

KORAT, O.; RON, R.; KLEIN, P. Cognitive mediation and emotional support of fathers and mothers to their children during shared book-reading in two different SES groups. *Journal of Cognitive Education and Psychology*, v. 7, n. 2, p. 223-248, 2008.

LAEVERS, F. *An exploration of the concept of involvement as an indicator for quality in early childhood education*. Dundee: Scottish Consultative Council on the Curriculum, 1996.

_____. Quality at the level of process, outcome & context. In: CONGRESSO EM ESTUDOS DA CRIANÇA, 2008, Braga, Portugal. *Anais do I Congresso...*: infâncias possíveis, mundos reais. 2008. Disponível em: <<http://ciec.iec.uminho.pt>>. Acesso em: 21 abr. 2008.

LEE-MANOEL, C. L. et al. Quem é bom (e eu gosto) é bonito: efeitos da familiaridade na percepção de atratividade física em pré-escolares. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v. 15, n. 2, p. 271-282, 2002.

LIPP, M. E. N. *Pesquisas sobre stress no Brasil: saúde, ocupações e grupos de risco*. Campinas: Papyrus, 1996.

_____. *Crianças estressadas: causas, sintomas e soluções*. 3. ed. Campinas: Papyrus, 2004.

MARGIS, R. et al. Relação entre estressores, estresse e ansiedade. *Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul*, v. 25, n. 1, p. 65-74, 2003.

MOSS, P. What is your image of the early childhood centre? In: CONGRESSO EM ESTUDOS DA CRIANÇA, 2008, Braga, Portugal. *Anais do I Congresso...: infâncias possíveis, mundos reais*. 2008. Disponível em: <<http://ciec.iec.uminho.pt>>. Acesso em: 21 abr 2008.

NUNES, D. C. et al. As crianças e o conceito de morte. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v. 11, n. 3, p. 579-590, 1998. Disponível em: <<http://www.scielo.br/>>. Acesso em: 21 abr. 2008.

OLIVEIRA-FORMOSINHO, J. Apresentação. In: OLIVEIRA-FORMOSINHO, J.; KISHIMOTO, T. M.; PINAZZA, M. A. (Orgs.). *Pedagogia(s) da infância*. Porto Alegre: Artmed, 2007.

OLIVEIRA-FORMOSINHO, J. (Org.). *A escola vista pelas crianças*. Porto: Porto Ed., 2008.

_____. *Desenvolvendo a qualidade em parcerias: estudos de casos*. Lisboa: Ministério da Educação, 2009.

OLIVEIRA-FORMOSINHO, J.; ARAÚJO, S. B. O envolvimento da criança na aprendizagem: construindo o direito de participação. *Análise Psicológica*, v. 1, n. 22, 2004.

OLIVEIRA-FORMOSINHO, Júlia; FORMOSINHO, João (Orgs.). *Associação Criança [Criando Infância Autônoma numa Comunidade Aberta]: um contexto de formação em contexto*. Braga, Portugal: Livraria Minho, 2001.

OLIVEIRA-FORMOSINHO, J.; LINO, J. A qualidade no quotidiano do jardim-de-infância: as perspectivas das crianças. In: OLIVEIRA-FORMOSINHO, J.; FORMOSINHO, J. (Orgs.). *Associação Criança [Criando Infância Autônoma numa Comunidade Aberta]: um contexto de formação em contexto*. Braga, Portugal: Livraria Minho, p. 200-213, 2001.

PASCAL, C.; BERTRAM, T. *Desenvolvendo a qualidade em parcerias: nove estudos de caso*. Porto, Portugal: Porto Ed., 1999.

PETEAN, E. B. L.; SUGUIHURA, A. L. M. Ter um irmão especial: convivendo com a Síndrome de Down. *Revista Brasileira de Educação Especial*, v. 11, n. 3, p.445-460, 2005.

SARMENTO, Manuel J. Culturas infantis e direitos das crianças [entrevistado por Iracema Nascimento]. *Revista Criança do Professor de Educação Infantil*, Brasília, n. 45, p. 5-8, 2007. Disponível em: <portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/eduinf/cria_45.pdf>.

SILVA, G. M.; VECTORE, C. Promoção da qualidade na educação infantil na região do triângulo mineiro: contribuições da psicologia do consumidor na atuação junto às crianças. *Revista Horizonte Científico*, v. 1, n. 7, 2007. Disponível em: <<http://www.horizontecientifico.propp.ufu.br/>>. Acesso em: 11 abr. 2008.

TRICOLI, V. A. C. A criança e a escola. In: LIPP, M. E. N. (Ed.). *Crianças estressadas: causas, sintomas e soluções*. Campinas: Papirus, 2004. p. 123-148.

VECTORE, C. O brincar e a intervenção mediacional na formação continuada de professores de educação infantil. *Psicologia USP*, v. 14, n. 3, p. 105-131, 2003.

_____. *Desvendando o imaginário infantil: a importância do faz-de-conta e da mediação na formação de professores*. Uberlândia, MG, 2008. (Relatório de pesquisa encaminhado à Fapemig).

VECTORE, C.; ALVARENGA, V. C.; GOMIDE JR, S. Construção e validação de uma escala de comportamentos mediacionais de educadores infantis. *Psicologia Escolar e Educacional*, v. 10, n. 1, p. 53-63, jun. 2006.

VECTORE, C.; MAIMONE, E. H.; COSTA, L. H. F. M. *Promoção da qualidade na educação infantil na região do Triângulo Mineiro*. Uberlândia, MG, 2003. (Relatório de pesquisa encaminhado à Fapemig).

VECTORE, C.; SOUZA, C. E. S. Alternativas para a avaliação da qualidade do atendimento na Educação Infantil. In: JOLY, Maria Cristina R. A.; VECTORE, Celia (Orgs.). *Questões de pesquisa e práticas em Psicologia Escolar*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006. Cap. 13, p. 261-280.

72

Celia Vectore, psicóloga, mestre e doutora em Psicologia pela Universidade de São Paulo (USP) e pós-doutora pelo Università degli Studi di Ferrara, é professora do curso de graduação em Psicologia e do mestrado em Psicologia Aplicada da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). É pesquisadora nas áreas de Psicologia do Desenvolvimento e da Aprendizagem e Psicologia Escolar e Educacional, com ênfase na educação infantil.

vectore@ufu.br